

A Amazônia é notícia: os sentidos do jornal *Folha do Norte* sobre a região, de 1896 a 1920¹

Camille Nascimento da SILVA²

Netília Silva dos Anjos SEIXAS³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo: Este artigo analisa os primeiros 24 anos do jornal *Folha do Norte* (1896-1974) buscando compreender por meio do par enunciado/enunciação, de Eliséo Véron, os sentidos e os modos de dizer do jornal sobre a Amazônia. O que se falava sobre a região? Como se falava? Com que frequência? Procurando nas edições as palavras-chave *Amazônia*, *Pará* e *Belém*, foram encontrados vários tipos de texto que, neste trabalho, foram separados e analisados por temática. Do primeiro ano de jornal, 1896, até 1920, foram encontradas algumas seções, as quais já traziam no título a referência à região.

Palavras-chave: Imprensa paraense; Jornalismo; Amazônia; Pará; Belém.

Introdução

Rios, florestas, animais exóticos e vegetação abundante. Essas são marcas “típicas” da descrição sobre a região Amazônica. Há muito tempo o estereótipo criado sobre esta região prevalece na grande mídia. Vários autores do campo da Comunicação observam em seus estudos os discursos midiáticos sobre a Amazônia, boa parte deles analisando a grande mídia nacional. Mas como a mídia local tem enunciado sobre a região? Como e quais sentidos vem apresentando? Esta é uma proposta ampla e, neste trabalho, vamos buscar responder a uma pequena parte dela. Para isso, usamos como objeto empírico de análise as duas primeiras décadas do diário *Folha do Norte* (1896-1974), segundo maior jornal do Estado do Pará em duração e expressão. Assim, o interesse foi observar como se deu a enunciação do jornal *Folha do Norte* sobre a região no período determinado. Estaria presente nessa enunciação a atribuição de uma identidade local e/ou regional?

A pesquisa foi realizada nas duas primeiras décadas do século XX, no jornal *Folha do Norte*, com recorte de cinco em cinco anos, utilizando-se as seguintes palavras chaves:

¹ Trabalho apresentado na Área 1 – Jornalismo, da Intercom Júnior – VIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/FAPESPA na Universidade Federal do Pará, estudante de graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. E-mail: millenascimento@yahoo.com.br

³ Orientadora e coautora do trabalho, coordenadora do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq). Jornalista, professora da Faculdade de Comunicação, professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. E-mail: netilia.ufpa@br, netiliaseixas@gmail.com

Amazônia, Belém, Pará. Em cada ano determinado, foram lidas todas as edições nos meses de janeiro, maio, agosto e setembro, por se referirem, respectivamente, às datas da fundação da cidade de Belém e do jornal (janeiro), ao fim do movimento da Cabanagem na capital (maio), à adesão do Pará à Independência (agosto) e à Independência do Brasil (setembro). A expectativa era que nesses meses poderia haver a publicação de textos que de alguma forma se referissem ao local, ao regional e aos seus habitantes.

Como aporte teórico, recorreremos aos conceitos de enunciado e enunciação como propõe Eliséo Véron (2004), no capítulo 8 do livro “Fragmentos de um tecido”. Nessa proposta, o enunciado encontra-se na ordem do que é dito e a enunciação corresponde às modalidades do dizer.

Convém não separar o conceito “de enunciação” do par do qual ele é um dos termos: enunciado/enunciação. A ordem do enunciado é a ordem do que é dito (aproximadamente poder-se-ia dizer que o enunciado é da ordem do “conteúdo”); a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, os modos de dizer (VERÓN, 2004, p.216).

Conforme Verón (2004), apesar de os conceitos de enunciado e enunciação apresentarem diferenças nítidas, não há uma verdadeira oposição entre eles, mas uma conexão indispensável e complementar. O par é simultâneo e essencial na construção dos sentidos na sociedade, de conversas informais ao cotidiano do jornalismo. Assim, a imprensa, por exemplo, trabalha com uma vasta quantidade e qualidade de informações, que constituem os enunciados. Porém, cada empresa jornalística ordena, escreve, ilustra, aborda essas informações de uma maneira diferente e particular, ou seja, produz enunciações próprias (FAUSTO NETO, 1991, p. 28).

Desse modo, o par enunciado/enunciação será utilizado para avaliar os modos de dizer de um dos jornais mais importantes da história da imprensa paraense sobre a própria região.

Este trabalho resulta da pesquisa realizada no projeto “A trajetória da imprensa no Pará”,⁴ o qual tem por objetivo investigar os principais aspectos da imprensa paraense, entre eles acompanhar o discurso dos jornais sobre a região amazônica, o Pará e a cidade de Belém. De que forma os jornais falavam sobre a própria cidade e a região? Quais os assuntos mais frequentes? Esse tipo de notícia tinha espaço significativo nos impressos?

⁴ O projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará” é desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará desde agosto de 2012, em continuidade aos projetos “Jornais Paraóaras: percurso da mídia impressa em Belém” e “Jornais Paraóaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”, este apoiado pelo CNPq.

A Amazônia recebe o século XX ... e o século XX recebe a Amazônia

Pensar a Amazônia no final do século XIX para o XX é pensar e entender as transformações econômicas, políticas e sociais que vieram junto ao período da *Belle Époque*, período que teve seu auge entre 1870 e 1912 (SARGES, 2000). Como características desse período, a historiadora Maria de Nazaré Sarges (2000) aponta:

A modernidade entendida como expansão da riqueza, ampliando as possibilidades, caracteriza-se pelo avanço da tecnologia (Revolução Industrial), construção de ferrovias, expansão do mercado internacional, pela urbanização e crescimento das cidades (em área, população e densidade), pela mudança de comportamento público e privado e pelo bafejo da democracia, transformando as ruas em lugares onde as pessoas circulavam e exibiam seu poder de riqueza (SARGES, 2000, p. 15).

A historiadora ressalta que, a partir do século XIX, a modernização de Belém foi possível devido ao enriquecimento de alguns setores da sociedade. Então, a Amazônia se inseriu no contexto da nova ordem capitalista vigente e toda a atividade passou a girar em torno da economia gomífera. O luxo da *Belle Époque* é uma das nostalgias mais presentes no imaginário do povo amazônico (CASTRO, 2010, p.24): a vinda de famílias europeias mudou o comportamento da região, desde o vestuário até a arquitetura das cidades amazônicas.

A cidade recebeu centenas de famílias vindas da Europa, o que influenciou na arquitetura de suas edificações, deixando-a conhecida na época como *Paris n'América*. A arquitetura, a urbanização e a europeização, característicos da *Belle Époque*, tornaram Belém, cidade periferia do capitalismo, uma experiência de modernidade (CASTRO, 2010, p. 24).

Em uma época tão rememorada, a imprensa certamente esteve presente, publicando em suas páginas a grande transformação que a região vivia. Alguns jornais circularam em meio ao turbilhão da *Belle Époque* e apontaram para o que acontecia na região naquele período. Sarges (2000) utilizou em sua pesquisa o *Diário de Notícias* (1898); *Folha do Norte* (1904); *Jornal do Pará* (1898); *A Província do Pará* (1900), entre outros.

No nosso estudo, os 24 primeiros anos da *Folha do Norte* coincidem com o período de crescimento econômico da região. Mas, em meio ao luxo da *Belle Époque*, houve também a desigualdade social, retratada, por exemplo, no afastamento das pessoas mais pobres dos centros urbanos para a periferia. Será que os grandes jornais da época

publicavam esse tipo de acontecimento? De que modo falou-se sobre a região? Esse o interesse em observar os sentidos e os modos de dizer do jornal sobre a região Amazônica.

Jornal *Folha do Norte*

A *Folha do Norte* é de um feitio atraente, todo á moderna, trazendo texto variado e copioso. Entre os seus melhoramentos, avulta um bello serviço telegraphico, que, dentro em pouco, fal-a-á objeto de incessante e imensa procura. O material da *Folha do Norte* é todo novo, sendo nítida a sua impressão (Trecho do jornal *República*, publicado na *Folha do Norte*, 04/01/1896, p.1).

O trecho acima trata da chegada de um dos grandes jornais belenenses que entraria para a história da imprensa paraense. Impresso em sua própria tipografia, a “Typ. da *Folha do Norte*”, o jornal foi fundado em 1º de janeiro de 1896 por Enéas Martins e Cypriano Santos, os quais combatiam a política de Antônio Lemos, proprietário de *A Província do Pará*. A *Folha do Norte*⁵ defendia o Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho, grandes nomes da política da época (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 154).

Em 1922, o jornalista Paulo Maranhão assumiu a direção do periódico, até a sua morte, em 1966, quando o jornal passou a ser administrado pelo seu filho Clóvis Maranhão. Foi o segundo jornal mais duradouro do Pará, com 78 anos de existência. Em 1973, foi então vendido ao empresário Romulo Maiorana, que, após editá-lo por mais um ano, encerrou sua atividade jornalística. O antigo prédio do jornal, localizado na Rua Gaspar Viana, foi a partir daí ocupado para a publicação do diário *O Liberal*, de propriedade de Rômulo Maiorana e que circula até os dias de hoje (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p.154-155).

Analisar um dos maiores jornais da imprensa paraense, com 78 anos de longevidade, para buscar o que se falava sobre a Amazônia é perceber a importância de um jornal no contexto social. Véron (2004, p.229), ao se referir à imprensa escrita como um de seus objetos de análise, explica:

No contexto de nossas sociedade pós-industriais midiáticas, a imprensa escrita representa um domínio totalmente excepcional para a análise dos discursos, na busca de um campo propício ao teste de suas hipóteses teóricas e à comprovação de seus instrumentos de descrição: ela é, de uma parte, uma espécie de laboratório para o estudo das transformações socioculturais dos grupos sociais e das relações entre essas transformações e a evolução e o entrelaçamento dos gêneros discursivos; comporta, de outro parte, uma rede de produção de discursos cuja complexidade invoca a operacionalização de um quadro conceitual de múltiplos níveis, capaz de fazer frente a essa complexidade (VÉRON, 2004, p. 239).

⁵ O jornal trazia em sua proposta editorial o seguinte objetivo: “Lutar pelo desenvolvimento político-social da região, combatendo a política de Antônio Lemos” (FERNANDES, SEIXAS, 2011, p.6).

Os modos de dizer do jornal sobre a região foram pesquisados conforme as notícias sobre a cidade de Belém, sobre o Estado do Pará e sobre a Região Amazônica. De 1896, ano de fundação do jornal, até 1920, a *Folha do Norte* publicou textos referentes à região, mesmo não sendo diárias, nem com tanto espaço no jornal. Porém, por meio delas, pôde-se inferir os modos de falar do periódico. O jornal publicou sobre as comunicações por meio do telégrafo na região; sobre as notícias do interior do Estado e de outros estados na Região, como o Acre e o Amapá. A partir de notícias como essas ou até mesmo de anúncios de terrenos pode-se observar, hoje, como era a região naquela época.

O quadro abaixo informa os títulos ou o assunto das notícias que saíram a cada cinco anos pesquisados.

Quadro 1: Títulos e assuntos das notícias referentes à região Amazônica, publicadas pelo jornal *Folha do Norte* entre 1896 e 1920.

1896	1902	1908	1914	1920
“Amazonia e suas comunicações pelo telegrapho”	“Os paraenses na Europa”	“O jornalista Kerbey – Impressões de sua viagem ao Pará”	“Visão da Amazônia”	“História do Pará”
“Soure”	“Yankees na Amazônia”	“Telegrapho subfluvial”	“Massacre de Índios”	“Eldorado no Amazonas”
“Navegação e commercio da Amazonia – Regatões a vapor”	“Os paraenses no Rio”		A vinda do coronel Roosevelt em Belém	“Geographia do Para”
“As regiões amazônicas – Estudos geographicos dos Estados do Gram-Para e do Amazonas”	“Ilha das Onças”		“Fastos Paraenses”	“Rio Cajary”
Texto sobre a situação precária de Macapá	“A mendicidade em Belém”			“Derrocada da Amazônia”

Publicações sobre uma revista estrangeira sobre o povo paraense	“Notícias do Amazonas”			“A nossa Cathedral”
Lixo jogado nas ruas de Belém	“A prostituição em Belém”			“Sob o céu da Amazônia”
“Curas milagrosas no interior do alto Amazonas”				“Confrontos e contrastes”
Sobre a vida do maestro Carlos Gomes				Literatura Paraense

Fonte: Jornal Folha do Norte, acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, Pará.

Observou-se que durante os 24 primeiros anos de jornal as notícias sobre a Amazônia foram ganhando mais espaço. Inicialmente, não havia uma sessão específica para falar sobre a região, sobre o estado do Pará ou da sua capital, de um ponto de vista jornalístico ou mesmo histórico. Porém, ainda em 1896, primeiro ano do jornal, foi publicada a seção “Curas milagrosas no interior do alto Amazonas”, a qual noticiava a cura de doenças como “febres palustres, inflamações de fígado e baço e icterícia” por meio das “Pilulas de São Raymundo, de Henrique santos, aprovadas pela Junta de hygiene do Pará” (Folha do Norte, 07/01/1896, p.1).

Com o passar do tempo e talvez pela necessidade de um dos grandes jornais da época de se inserir no contexto local, o jornal sustentou seções como “História do Pará”, “Eldorado na Amazônia” ou “Sob o céu da Amazônia”, que tiveram certa frequência.

Amazônia, sua comunicação, navegação e comércio

A comunicação, ainda remota naquele período entre as cidades, foi marcada pela instalação do telégrafo subfluvial, fato este noticiado na *Folha do Norte*: “Esta ancorado desde 4, no porto de Belém, o paquete Faraday, remetido por The Amazon Telegraph Company Limited para proceder ao lançamento do cabo subfluvial entre Belém e Manaus” (Folha do Norte, 07/01/1896, p. 1). Já em 1902, na seção “Notícias do Amazonas”, a Folha traz a notícia da experiência telegráfica na região:

Realizou-se a experiencia do telegrapho sem fio, estando os aparelhos transmissor e receptor collocados nos “Educandos” e na fazenda “S. Antonio” do outro lado do rio Negro. Achavam-se presentes o sr. coronel governador do Estado e diversos cavalheiros, sendo passados alguns telegrammas, cujas respostas só chegaram depois da retirada dos assistentes, devido isso, ao facto de haver-se queimado o receptor. Em vista deste resultado será brevemente feita nova experiencia. O sr. Fernando Rohe propoz ao congresso estabelecer estações de telegrapho sem que a distancia de 160 kilometros umas das outras (...) (Folha do Norte, 23/09/1902, p. 1).

Porém, a questão das telecomunicações naquele período apresentava problemas e a *Folha* publicou em setembro de 1908 um memorial feito pela Associação Comercial de Manaus, o qual demonstrava a maneira irregular com que estava sendo utilizado o meio de comunicação.

Não é desconhecida a maneira irregular por que funciona quase sempre o telegrapho subfluvial, que põe em comunicação a praça de Belém com a de Manaus. A Associação Commercial do Amazonas, procurando historiar todas as causas que têm concorrido para que não haja um serviço permanente de telegraphia entre as duas praças do extremo norte enviou um longo memorial da industria, viação e obras publicas (...) (Folha do Norte, 14/09/1908, p. 1).

A via de comunicação na região Amazônica, bem como os dados sobre a navegação e o comércio, foram publicados no jornal, sendo alguns trechos reproduzidos de publicações de outros estados, a exemplo do Amazonas.

História, território e exploração da Amazônia

“As regiões amazônicas – Estudos geographicos dos Estados do Gram-Para e do Amazonas”; “Geographia do Pará”; “História do Pará”; “Eldorado no Amazonas” foram seções onde publicaram-se as questões históricas e de território da região. A primeira não era uma notícia, mas o título de um livro que a *Folha* divulgava, informando que o autor era o “Sr. Dr. José Coelho da Gama Abreu (Barão de Marajó)” (Folha do Norte, 01/05/1896, p. 1).

A seção “História do Pará”, de 1920, assinada pelo pesquisador De Almeida Genú (Dalge), mostrou ao público a história da fundação da cidade de Belém, contando todo o percurso de Francisco Caldeira Castelo Branco e definindo o dia 26 de janeiro como o dia em que ele inaugurou a capital paraense (BRÍGIDA, NUNES, SEIXAS, SILVA, 2013).

“Eldorado no Amazonas” e “Geographia do Pará” foram seções que mostravam mais a questão de território, mostrando ao leitor da época a riqueza da região.

Nasce o bello e sinnoso Cajary nos Campos Geraes, nas terras das Guyanas brasileiras e se vem lançar silencioso, no Amazonas, margem esquerda, entre os rios Jary e Maracapuen, no município de Magazão, Estado do Pará – Brasil (...) O Cajary ou Cajary, como os aruans e tucujás o chamavam, conta alguns seringaes em suas margens e corre entre campos alagados (...) O Cajary é, alem de tudo, um rio histórico: em suas margens os inglezes tiveram dois estabelecimentos fundados em 1623 (...) (Folha do Norte, 07/01/1920, p. 1).

A seção “Fastos Paraenses”, de 1914, assinada por Manuel Barata, era outro espaço em que a Folha contava a origem dos nomes das ruas de Belém, as construções da cidade e a história da dominação dos colonos portugueses aos índios da região.

Em vários textos é possível inferir não só sobre o território, mas também sobre o imaginário amazônico presente nas lendas e mitos da região, assunto abordado na seção “Eldorado no Amazonas”. Por meio desse tipo de texto observa-se a preocupação do jornal em mostrar a região de modo a criar no leitor o seu conhecimento e orgulho.

Diante do imaginário criado sobre a região, a exploração e a cobiça sobre as riquezas naturais foram também explorados pela *Folha do Norte*. Em “Yankees na Amazônia”, o jornal fala sobre a exploração norte-americana sobre a Amazônia, alertando para uma política que combatesse essa dominação:

Se a viagem de Wilmington pelo Amazonas acima não foi bastante para abrir os olhos aos que dividam dos projetos ambiciosos dos norte americanos sobre aquella região, cujas riquezas, sobretudo a borracha, ha muito elles cubiçam; se o syndicato do arrendamento do Acre ainda não os esclareceu completamente sobre as intenções dos yankees, ahi está mais para desilludidos, essa concessão da Columbia, que parece obedecer a um plano de cercar a Amazonia.

(...) Assim, lenta e paulatinamente, é que os mais ricos trechos do territorio sul-americano irão cahindo sob a influencia e o dominio dos yankees e assim é que justamente se fazem as conquistas modernas. Começam as grandes potencias estas conquistas por empreendimentos mercantis ou industriaes, e só mais tarde se atrevem as intervenções brutaes, sob o pretexto de proteger interesses de seus compatriotas.

(...) O poder dos Estados Unidos é tão formidável, que ate as grandes potencias europeias se sentem por elles ameaçadas. Uma política sul-americana previdente deveria ter por objectivo contrariar a expansão norte-americana. Entretanto, as fracas nações desta parte do continente vão commetendo a insatez de auxiliar a grande Republica em suas pretensões; incubem-se de ajudal-a, de modo que todos os dias vae ella ganhando terreno.

Quando acordarem essas nações talvez já seja tarde para salvarem a sua independência e com ella a própria honra (Folha do Norte, 09/08/1902, p.1).

Integra-se neste tópico também a questão indígena, bastante explorada pelo jornal. Em “O Eldorado no Amazonas”, de 13 de janeiro de 1920 a *Folha* publica uma entrevista sobre as políticas do governo direcionadas aos índios, mostrando o descaso com os mesmos.

(...) E os índios do Guamá? Esses como os do rio Capim, são legítimos descendentes do Tupy superior e pertencem a tribo Tembé, que significa, segundo uns, filhos do sol – e, segundo outros, beijo furado. São de bons costumes e de boa índole e poucos ociosos. Pena faz vê-los abandonados á mercê da natureza, afastados da civilização, vivendo os tempos coloniaes de Caledeira castello Branco (...) (jornal *Folha do Norte*, 13/01/1920, p. 1)

No ano de 1914 o jornal publica a notícia sobre um massacre de índios. Observa-se que este tipo de notícia também descrevia a região em que se encontravam os índios.

No alto Capim - nove selvícolas assassinados a tiros. – Os criminosos estão impunes. Em corresnpondencia vinda de São João da Bôa-Vista, noticiamos em nossa edição de 25 do mês findo o facto de terem sido assassinados no rio Ararandeuá, affluente do Capim, alguns índios pertencentes a uma tribo mansa. (jornal *Folha do Norte*, 02/05/1914, p.1)

O olhar do outro sobre a região

Outro tipo de texto encontrado na pesquisa foram os relatos publicados por estrangeiros que visitavam a região. Textos de jornais ou revistas estrangeiros eram comentados, criticados ou aclamados pelo jornal, dependendo de como retratavam a região. A vinda a Belém do então “Coronel Roosevelt” em maio de 1914, antes mesmo de este ser eleito presidente dos Estados Unidos, foi acompanhada pelo jornal, exaltando a visita como “a passagem de um grande homem na cidade”. O jornal acompanhou a chegada, a estadia e a despedida de Roosevelt.

O jornalista J. Orton Kerbey, cônsul dos Estados Unidos no Estado do Pará em 1908, esteve em uma excursão pela Amazônia com o propósito de publicar uma obra sobre a região. A *Folha* publicou na edição de 3 de agosto de 1908 as “impressões do jornalista Kerbey” sobre o Pará:

Adiei, pela segunda vez a minha partida para o sul; espero, porem, seguir pelo paquete *Alagôas*. Estas delongas parecem confirmar, o dictado de que me faço echo, por experiência:

<Quem vai ao Pará, parou.

Quem bebe assahy, ficou>

Sendo esta a minha quarta viagem ao Pará, parece que, com effeito, houve alguma virtude neste preventivo assahy. Posso, em geral, dizer que minha quarta, experiência confirmou plenamente as minhas anteriores impressões sobre esta cidade, que, apesar de não ser espaventosa, caminha a passos firmes para o progresso e importancia. Não partilho do conceito do velho imperador dom Pedro 2º que dizia: << O Pará é uma cidade deliciosamente pervertida>>, ao contrario, estou de accordo com o famoso observador que assim se referia a capital: <<O tempo não pôde emmurchece-la, nem os costumes lhe destruírem a infinita variedade (Folha do Norte, 03/08/1908, p. 1).

Assim também a *Folha* deu espaço em suas páginas para esclarecer uma publicação externa sobre o texto publicado na *Illustration*, onde o autor, o pintor russo D. O. Widhoff, foi mal interpretado, sendo acusado de ter insultado o povo paraense. Nesse caso, a *Folha* publicou a versão do pintor, e posicionou-se a favor dele, dizendo que as acusações eram infundadas.

Em todo o caso, saiba que nunca tive a menor intenção de dizer mal do Pará, pois guardo bem a lembrança de amizades que me são caras. Peço-lhe, assim como áquelles que considero meus amigos, que creia na minha lealdade, e me julgue incapaz de fazer qualquer cousa que possa ser considerada como covardia e ingratidão (Folha do Norte, 21/05/1896, p.1).

Em outro texto, a *Folha* criticou o posicionamento do jornal *A Província do Pará* por esta achar que a exploração de um navio alemão que vinha observar as riquezas da região era um ato de amor e interesse pela região.

No meo humilde entender, porém, o resultado será precisamente o contrario, por quanto esse vapor e os que lhe surgirem, da mesma companhia tem a seu bordo balcão, gavetas e prateleiras que virão recheadas de mercadorias dos centros manufactureiros, as quaesserão furtadas aos direitos de importação, e receberão em seus porões borracha e outros productos que pela mesma forma subtrahirão aos direitos de exportação (...) (Folha do Norte, 09/01/1896, p. 1).

Não são apenas elogios: as críticas à região

Os pontos negativos de uma região podem às vezes estar fora da agenda da imprensa local, porém, é difícil não tornar públicas situações como a falta de saneamento, prostituição, descaso e precariedade de municípios. A *Folha* publicou em suas páginas os problemas sociais da cidade de Belém e do interior do Pará.

Na notícia sobre Soure, município pertencente à Ilha do Marajó, no Estado do Pará, o jornal informou aos leitores apenas que havia uma situação de conflito e desordem, sem explicar o motivo.

A's primeiras horas do dia de hontem correram em Belém noticias alarmantes e assustadoras sobre graves conflictos e desordens, que se dizia haverem perturbado a tranqüilidade publica em Soure (...) A primeira e mais espalhada versão que ouvimos foi a de haverem o Sr. Coronel Victorio de Paulo e alguns de seus irmãos, á frente de grande numero de capangas, dado desembarque em Soure, com intuitos meramente perturbadores da ordem, que a sua só presença naquella cidade ameaçadora de subversão (...). (Folha do Norte, 08/01/1896, p. 1).

Em outro texto, entende-se que é uma carta de um possível leitor, o qual a nomeia de “crônica”. O autor descreve minuciosamente o problema sobre a falta de higiene na capital paraense:

(...) Nestas chronicas, já ha tempos, reclamei contra o costume de deitar o lixo nas ruas, despejando-o nas calhas, com grande prejuizo da saúde publica. Sei, porém, que é impossível exigir que as casas tenham depositos apropriados que coloquem nas portas, porque eles desaparecem, ou levadas pelos *lixeiros* ou pelos vagabundos de maus instictos, que divertem-se em atiral-os pelas ruas, aos pontapés. O facto, porém, é que é muitissimo feio, alem de anty-higiênico, ficarem as nossas vias publicas cobertas de immundices de todo genero, que os cães e os vadios encarregam-se de espalhar. Para remediar o mal, lembro a mudança de systema da limpeza diária da capital (...) (Folha do Norte 05/08/1896, grifos do autor, p. 1).

O jornal também explorou a questão da “mendicidade em Belém” e da prostituição, em tom de denúncia e preocupação com a aparência da cidade. Nestes dois casos, o jornal enuncia os problemas como caso de polícia.

Enxameiam pelas ruas a’ esta capital mendigos e aleijados, a esmolar. Antigamente era aos pontos dos bondes que elles corriam de preferencia a procura do óbulo da caridade publica. Hoje, que temos um asylo faustosamente preparado para recebel-os e seja dito de passagem – onde tudo pode haver menos a reali intuição dos verdadeiros requisitos dum asylo de mendigosos e famintos, na fsina da esmola; até nas salas de hotel, de dia á noite, penetrou já a mendicidade. A’s vezes são aleijados, desses aleijões monstruosos em que a natureza primou em se mostrar caprichosa, outras vezes mendigos cobertos de andrajos immundos, que não podem deixar de mover o dó á gente, mas, hão de convir todos, cuja, presença em uma sala de hotel é profundamente desgostosa. Depois, parece que foi para evitar factos taes que se construiu o asylo de mendigosos, e não se justifica, pois, a exhibição da mendicidade em publico e muito menos em logares como restaurantes, a menos que o governo tenha despendido grossas sommas, com a construcção do luxuoso edificio do Marco, simplesmente pelo gosto, pouco aprecivel, de aformosear a cidade como uma bonita ...inutilidade. É preciso que as autoridades policiaes se compenbrem de que não foram creadas somente para pegar gatunos e prender bebedos, e façam cessar, para sempre, estas scenas de miseria e desgraça, que fazem piedade á gente e compungem, é certo, mas são, francamente, desagradáveis. (jornal Folha do Norte, 17/09/1902, p. 1)

Esses foram alguns dos pontos mais abordados no recorte dos 24 primeiros anos da *Folha do Norte*. Nas edições pesquisadas observou-se que o jornal teve preocupação em reproduzir alguns discursos sobre a região, a exemplo das riquezas naturais e da questão indígena. Em outros momentos se posicionou contra o colonialismo estrangeiro na região, defendendo e alertando os leitores do perigo da dominação. As questões cotidianas como o saneamento da cidade foram pontos a se considerar, haja vista que um jornal não poderia publicar apenas os pontos positivos de sua região.

Considerações finais

A *Folha do Norte* representa um grande registro da imprensa paraense. O jornal possuía viés político, era diário, teve duração de 78 anos e abrigou em suas páginas nomes

importantes da imprensa paraense, como Cypriano Santos (um dos fundadores do jornal), Manuel Barata e Paulo Maranhão.

No contexto histórico, o impresso acompanhou uma das épocas mais importantes da economia Amazônica, a economia da borracha, a qual foi responsável por mudanças no campo político, social e econômico, presentes até os dias atuais na região.

O presente trabalho consistiu em mapear as enunciações do jornal paraense *Folha do Norte* sobre a região Amazônica. No período selecionado dos 24 primeiros anos da *Folha*, observou-se o crescimento de seções específicas sobre a temática, que tratavam desde a descrição regional até a publicação de parte da história da região, a partir de estudos dos pesquisadores da época. Todas as notícias encontradas foram publicadas na primeira página do jornal, mas as notícias sobre a região não saíam diariamente. Houve notícias de modo a enaltecer a região, descrevendo suas qualidades e informando sobre o território. Porém, vários pontos negativos foram também mencionados, como a questão do saneamento da cidade e da prostituição.

Para conseguir observar com maior acuidade as enunciações da imprensa paraense sobre a região, desde o seu início, no século XIX, até a atualidade, há necessidade de outras pesquisas envolvendo outros veículos de imprensa da região, algumas delas já em curso. Assim, será possível discutir melhor o que diz e como diz a imprensa do Pará sobre sua própria região. Esta pesquisa, pontual, terá prosseguimento com a observação de outros períodos históricos, assim como de outros jornais integrantes da imprensa paraense.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.). **Comunicação e história: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraóaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A cidade Sebastiana**: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. Belém: Edições do autor, 2010.

COELHO, Geraldo Mártires. **O espelho da natureza**: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil. Belém: Paka-Tatu, 2009.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Entre jornais e um repórter: a imprensa de Belém nas décadas de 1910 e 1920. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34. 2011, Recife. São Paulo: INTERCOM, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1283-1.pdf>. Acesso em: 19 abril 2013.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a *belle-époque* (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

_____. **Memórias do “Velho Intendente” Antônio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. A trajetória da imprensa no Pará. Projeto de pesquisa CNPq, Edital MCT/CNPq N° 14/2012 - Universal - Faixa A. Belém: UFPA, 2012.

_____. Panorama da imprensa em Belém: os jornais de 1822 a 1860. In: FILHO, Otacílio Amaral; LIMA, Regina Lúcia Alves de; MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (orgs.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011, p.225-248.

_____. CARVALHO, Vanessa Brasil de; FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. Imprensa paraense: um pouco da história da mídia na Amazônia. In: MALCHER, Maria Ataíde; MARQUES, Jane; PAULA, Leandro Raphael N. de (orgs.). **História, Comunicação, Biodiversidade na Amazônia**. São Paulo: Acquerello, 2012, p. 67-81.

_____. BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; NUNE, Cleonice Viana; SILVA, Camille Nascimento da. Jornal Folha do Norte e suas publicações sobre a Amazônia, o Pará e a cidade de Belém. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9. 2013, Ouro Preto (MG). ISSN: 2175-6945.

VÉRON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos 2004.